

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

"Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas".

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



EMPREENDIMENTOS CRIATIVOS: Reflexões sobre a “Dádiva” de Marcel Mauss e o Dragon Dreaming de John Croft

CREATIVE ENTERPRISES: Reflections on the "Gift" of Marcel Mauss and Dragon Dreaming by John Croft

Antonio Vagner Ribeiro Lima

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

O artigo versa antropológicamente sobre empreendimentos criativos. Por meio da “dádiva” de Marcel Mauss (2003) e do “dragon dreaming” de John Croft (2013), reflito sobre construções de iniciativas culturais coletivas, articuladas metodologicamente na reciprocidade maussiana à luz das organizações sociais de centro vazio propostas por Dee Hock (1999). Aponto ideias significativas de empreendimentos criativos tanto nas realizações pessoais como nas ações institucionais de políticas públicas de cultura. Refuto propostas efêmeras ou montadas em processos de escassez para atender às relações simbólicas do tipo “ganha-ganha”, em que as atividades, os projetos e os programas de empreendimentos culturais sejam fruídos pela coletividade em suas representações sociais diversas. São propostas inclusivas, duráveis, colaborativas e sustentáveis, tecnologias sociais capazes de avançar em crescimento humano, no fortalecimento de comunidades locais, na busca de alternativas críticas e conscientes de cidadania, assertividade e mudanças necessárias para um mundo viável a vida e ao ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendimentos. Dádiva. Dragon Dreaming.

ABSTRACT

The article deals anthropologically about creative endeavors. Through the "gift" of Marcel Mauss (2003) and John Croft's "dragon dreaming" (2013), I reflect on constructions of collective cultural initiatives, methodologically articulated in Maussian reciprocity in light of the empty-centered social organizations proposed by Dee Hock (1999). I point out significant ideas of creative endeavors both in personal achievements and in the institutional actions of public cultural policies. I refute ephemeral or piecemeal proposals for scarce processes to attend symbolic "win-win" relationships in which activities, projects and programs of cultural enterprises are enjoyed by the collectivity in their diverse social representations. They are inclusive, durable, collaborative and sustainable proposals, social technologies capable of advancing human growth, strengthening local communities, searching for critical alternatives and aware of citizenship, assertiveness and changes necessary for a viable world life and environment.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



KEY WORDS: Enterprises. Gift. Dragon Dreaming.

Se você ama algo, ofereça-o à comunidade; dessa forma, nunca era perdê-lo
(Itay Talgam)

1 INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva empreender, de maneira reflexiva e dialógica, uma discussão em torno de empreendimentos criativos, que no entendimento aqui proposto, dialogam com conceitos de tecnologias sociais que se relacionam com economia da cultura, economia criativa, economia de dádivas, organizações de centro vazio, financiamentos colaborativos e inteligência coletiva.

Inicialmente, precisamos entender que tanto na concepção como na gestão de empreendimentos criativos,

A economia criativa parte das dinâmicas culturais, sociais e econômicas construídas a partir do ciclo de criação, produção, distribuição / circulação / difusão e consumo / fruição de bens e serviços oriundos dos setores criativos, caracterizados pela prevalência de sua dimensão simbólica (MINC, 2012, p. 23).

Pela relação simbólica, as dicotomias da sociedade são superadas, assim como as oposições entre individual e coletivo, os bens que circulam na sociedade não são apenas materiais, mas, sobretudo, simbólicos (MARTINS, 2008; KARSENTI, 1994; CAILLÉ, 1998). Nesse sentido, ao lidar com bens, serviços e produtos culturais, o empreendimento criativo identifica a ação maussiana dos bens em circulação na organização das práticas sociais, um material, a coisa dada e um simbólico, a intenção oferecida (MARTINS, 2008). Nessas relações de trocas simbólicas, o financiamento dos empreendimentos criativos se dá de forma alternativa, colaborativa, situação em que o pagamento transcende a ideia de dinheiro como gargalho ou condição mais importante para a realização de um projeto.

Para tanto, é preciso pensar a desmistificação do dinheiro e a partir daí resolver essa conta. O que é mesmo que vale a pena? Proponho refletir noções de empreendimentos criativos que contemplem financiamento colaborativo, a exemplo da “captação empoderada de recursos”, presente na metodologia *Dragon Dreaming*, que trabalha com a criação

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



colaborativa de projetos, abordando técnicas voltadas para transformar a nossa relação com o dinheiro.

2 DESENVOLVIMENTO

Empreendimentos criativos compreendem iniciativas de tecnologias sociais envolvidas com grandeza e generosidade. Contemplados pela economia da cultura e solidária, pensamos em iniciativas que estimulem e valorizem as diferenças étnicas e a diversidade cultural. São propostas que vislumbram um futuro sustentável e que funcione para todos. Seguindo o caráter universal da tríplice obrigação de "dar, receber e retribuir", Marcel Mauss (2003) evidencia que a dádiva é o oposto da troca mercantil. Aqui o foco é a reciprocidade e destaca que não são os indivíduos e sim as coletividades que mantêm obrigações de prestações recíprocas. Não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente. “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas” (MAUSS, 2003, p. 212). Desse modo, Mauss consegue costurar o indivíduo em relação com o coletivo. Nem individual nem coletivo, mas nas relações simbólicas (SABOURIN, 2008).

O pagamento simbólico. Um novo paradigma de captação de recursos, abordagem que deve esquecer as velhas atitudes relacionadas com o dinheiro, baseadas na falta, na concorrência, na escassez e na insuficiência. É preciso discernir essa eterna disputa entre nossos interesses materiais e o chamado de nossa alma, como bem aborda Lynne Twist (2003), em seu livro *The Soul of Money*. De um lado agimos com integridade, somos profundos, generosos, tolerantes, corajosos e comprometidos. No domínio da alma somos abertos, vulneráveis e afetuosos, somos confiáveis e sabemos confiar. De outro lado, o do domínio do dinheiro, na “luta de pegar o que é nosso”, vamos ficando mais egoístas, cobiçosos, fúteis, medrosos, controladores, às vezes confusos, culpados ou cheios de conflitos. Passamos a nos ver como vencedores ou perdedores, poderosos ou desamparados. Assim seguem os mitos: da escassez (não temos o suficiente); de que mais é melhor (se pudermos ter mais); e de que as coisas são assim mesmo (não há alternativas possíveis). Em nome desses mitos da escassez a Terra já sofreu enormes danos. É preciso perscrutar a economia da dádiva..

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



O foco na escassez cria jogos competitivos do tipo *perde-ganha*, ou você ou eu, um mundo de ganhadores e perdedores. Mas existe sempre uma terceira alternativa. Queremos um sistema do tipo *ganha-ganha*, de propósito comum e produtivo. Investir parte de nosso dinheiro na transformação do mundo, numa cultura benéfica à vida, de interesse coletivo, comunitário. Não necessariamente dinheiro, mas criação de relações comunitárias. Fortalecimento de elos que juntam as pessoas.

Há sempre alguém querendo ajudar. É papel do empreendedor criativo a promoção de iniciativas desses pontos de encontros e articulações. Um gestor cultural que atua como mediador de processos. Em empreendimentos culturais, alguns engenhos sociais não funcionam porque lhes falta o azeite necessário para fazer girar suas engrenagens. Podemos pensar em projetos que não deram certo. Por que não deu certo? Numa dinâmica de *brainstorming* revisitado, inspirado na rapidez de improviso dos cantadores de viola do nordeste brasileiro, a metodologia *dragon dreaming* questiona e cria a partir também do que não deu certo. Para isso faz-se necessário o envolvimento face a face com as pessoas. Fazer uso de plataformas de *crowdfunding* como recursos da “multidão”, buscar realizar projetos em forma de mutirão. O simples ato de compartilhar responsabilidades garante o serviço sem cansar um operário em especial. Iniciativas colaborativas são contribuições significativas para os ajustes necessários à nossa sociedade, observadas as prioridades e as ações mais adequadas para cada território.

Diálogo entre cultura e território, como aponta Lima e Costa (2015, p. 2), “a percepção de que as práticas culturais possuem não só uma dimensão estética, mas também apresentam uma interface antropológica”. Recorrer à ideia de “bacia cultural” para descentralização e desconcentração de recursos e atividades. E, desse modo, fomentar o aumento da capacidade dos indivíduos fazerem escolhas (SEM, 2010). Nesse sentido, propõe-se compreender economia criativa como possibilidade de desenvolvimento local, respeitando a diversidade cultural e, nas palavras de Lima e Costa (2015, p. 12), “contribuir para a inclusão de novos agentes, criando / fomentando novos circuitos de produção cultural”. Isso implica em gestão social, com tomada de decisão coletiva, sem coerção, baseada na transparência, dialogicidade e intersubjetividade.

Estamos todos conectados em redes invisíveis de amigos e conhecidos que ajudam a definir quem somos. Esses amigos são centros de outras redes que

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



chegam rapidamente aos milhões e centenas de milhões. Algumas pessoas são nós e pontos de contato de grandes redes de informação e interconexão. Outras estão ligadas através de relacionamentos menos numerosos, só que mais profundos. Para construir um mundo verdadeiramente sustentável será necessário mobilizar essas redes com o objetivo de modificar as políticas governamentais e as práticas empresariais. Temos que construir comunidades e ecossistemas benéficos à vida, dos quais precisaremos em nosso futuro (DRAGON DREAMING, ficha técnica 22, p.3)

O empreendimento criativo não se fixa a uma situação isolada de tempo e espaço. A pluralidade de ações e diversidade de atuação desenha interconexões com variadas situações problemas. Um dos gargalos mais reclamados por quem trabalha com gestão cultural é a “falta de dinheiro”. Nesse sentido, o financiamento dessas ações foge à lógica polarizada de pedir / doar os recursos necessários para a realização de uma ação cultural. Assim também está pensada a captação empoderada de recursos, que é

sempre uma troca com valor verdadeiramente recíproco, não a busca por um presente não solicitado. Ao dar dinheiro, o doador está recebendo o valor da participação e do engajamento em um projeto poderoso, recompensador e com potencial de modificar a vida, que tem o objetivo de criar uma mudança positiva para nós, para nossas comunidades e para nossa Terra. Nem todos têm o tempo necessário para dedicar a um projeto desses. Na captação empoderada de recursos, é o valor recíproco que é dado. Assim, em vez de mera doação, a contribuição tem mais um caráter de investimento no futuro – um investimento em generosidade, da qual toda a comunidade vai se beneficiar. É diferente da maioria dos casos, com mentalidade de escassez, nos quais um único indivíduo privado pode se beneficiar ilimitadamente do projeto, geralmente à custa das pessoas, das comunidades e do planeta (MINC, 2015, p. 9).

O empreendedor criativo é aquele indivíduo que intencionou mudar o mundo, contribuir com a cultura, ter condições de viver e ter sucesso por meio do seu fazer, da sua arte. No livro *Cartas a um jovem poeta*, Rilke (2006) reflete sobre os versos que um jovem escreve e envia ao escritor para uma espécie de avaliação, se é que isso existe em poesia. As respostas de Rilke às indagações do jovem são pontos de reflexão para nossa compreensão de empreendimentos criativos.

O senhor olha para fora, e é isso que não devia fazer agora. Ninguém pode aconselhá-lo e ajudá-lo, ninguém. Há apenas um meio. Volte-se para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido de escrever. Sobretudo isto: pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: *preciso*

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



escrever? Desenterte de si mesmo uma resposta profunda. E, se ela for afirmativa, se o senhor for capaz de enfrentar essa pergunta grave com um forte e simples “Preciso”, então construa sua vida de acordo com tal necessidade; sua vida tem de se tornar, até na hora mais indiferente e irrelevante, um sinal e um testemunho desse impulso (...). Por isso, resguarde-se dos temas gerais para acolher aqueles que seu próprio cotidiano lhe oferece [...]. Caso o seu cotidiano lhe pareça pobre, não reclame dele, reclame de si mesmo, diga para si mesmo que não é poeta o bastante para evocar suas riquezas; pois para o criador não há nenhuma pobreza e nenhum ambiente pobre, insignificante (RILKE, 2006, p. 24-26).

As palavras de Rilke (2006) inferem sobre o valor de uma criação, a criatividade exigida em situações de dificuldade, a austeridade que resulta na criação da própria obra de arte, do modo como ela se origina, um processo criativo que tende a ser interessante quando seu motivo surge de uma necessidade.

Os empreendimentos criativos precisam fazer uso de metodologias que sejam compatíveis com as exigências de editais, planos de negócios e outras formas de articulação, que tenham um sistema de controle de resultados simples e criativos, que fomentem a responsabilidade individual e de grupo, permitam auditoria rápida e, como indica Xaba Om (2018), que “não dependa da figura de um gerente de projetos dando ordens e ‘orquestrando’ a execução”, ou seja, empreendimentos que liberem a inteligência coletiva. Atuação proativa que aponte possibilidades de intervenção na história, no mundo, na cultura, por meio de políticas constatadas não para adaptação, mas para mudanças (FREIRE, 1996). Atualmente, a *Dragon Dreaming* se apresenta como metodologia mais viável para esse tipo de empreendimento.

O Dragon Dreaming é um sistema integrado, originalmente desenvolvido por John Croft da Fundação Gaia da Austrália Ocidental, com uma abordagem sistêmica para elaboração e gestão de projetos sociais e para o planejamento participativo consensual em organizações, no campo das Comunidades de Desenvolvimento Econômica e Ecologicamente Sustentáveis (XABA OM, 2018).

Numa compreensão lúdica do termo *dragon dreaming*, o DRAGÃO (força, fogo) impede de avançar e realizar o SONHO (combustível, retomada de energia, o que abre porta), que seria o amor que liberta, agindo como mediador do dualismo de medo e bloqueio presentes no dragão. A vida parece mesmo de desafios para ter sentido. Pois bem, onde estão os nossos maiores medos estão também nossas maiores forças. Essa contribuição de John

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



Croft foi primeiramente pensada na Austrália na década de 1980, como reflexão contra o consumismo e em favor da Terra (Fundação Gaya).

A *dragon dreaming* une modernas técnicas de gestão e conhecimentos tradicionais, estudos antropológicos, principalmente etnografias de culturas aborígenes. Aprendemos com eles a tradição de estar em volta da fogueira compartilhandoⁱ sonhos e assim tomando a realidade como sonho, exercitando a noção de tempo sempre “presente”. Fruir visões de mundo com vida sustentável, promovendo valores de crescimento pessoal, de fortalecimento comunitário e de trabalhos colaborativos.

3 CONCLUSÃO

Sonhar > Planejar > Realizar > Celebrar. *Dragon dreaming*, portanto, é uma ferramenta que realiza projetos, mas com algo mais, uma proposta de gestão que estuda e aplica a ideia de organização de centro vazio, tirando o foco do núcleo e empoderando a membrana, a periferia. Ela desperta para novas perspectivas de empreendimento, nomeadamente criativos, aparentemente “sem comando e controle”, mas que promove crescimento pessoal e fortalece a comunidade, em conexão com a sustentabilidade do planeta. Na verdade, pela supressão do “eu” individualizado da tradição ocidental de micro-poder, ao diminuir a lógica competitiva da economia mercantil, podemos pensar em construções antropológicas de sociocracia ou holocracia para indicar cada vez mais o desenvolvimento de ações colaborativas, articulações, empoderamento e inteligências coletivas.

Desse modo, os empreendimentos criativos conotam iniciativas lúdicas, dinâmicas, ações imersivas que articulam novas redes, com possibilidades de engajamento social e cultural. É preciso entender como há pessoas que não se engajam em coletividade social e fazem cultura. Observar os laços de solidariedade e colaboração. É preciso ajudar e incentivar produtores culturais a trabalharem em suas localidades. Conseguir estar presente com ações sinceras. Ressignificar certa “multiplicação dos pães” de nossos saberes coletivos e fazer acontecer políticas públicas de cultura nos nossos territórios. Jamais se desencantar. Aprender a realizar sonhos e celebrar todos os sonhos. Trocar a ideia de líder por “sonhador inicial”, um anfitrião, tornar-se um facilitador capacitado. Utilizar tudo em favor de muitos. Numa lógica de inteligência emocional, compreender o “poder da vulnerabilidade”, que fala a verdade, que

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



fala o que sente, pensa, que revela o medo ou o que não conhece, mas sabe e saboreia a sensação de ser livre. *Ubuntu*ⁱⁱ. É o contrário do competir, da auto-suficiência. Na metodologia perde-perde, o embate gera desconforto, enquanto o processo colaborativo considera a margem de risco benéfico, o desapegar da ideia de autor individual, de criador *sui generis*, de dono, de proprietário. *Hihil habemus, omnia possidemus*. É possível possuir a Terra sem ser o dono dela. Se você quer que seu sonho se realize, você não pode segurá-lo, você deve desapegar dele, para que ele se torne coletivo, colaborativo, co-criativo.

Para isso, é necessário trabalhar na metodologia da abundância. O “ganha-ganha”, que comunica mais com o coração e menos com o pensar muito. Sem racionalizar tanto, conectar no que entusiasmo, no que faz feliz. O empreendedor criativo parte do individual para o ambiente porque não se apega. As relações de poder são desencorajadas. Propõe-se equipotência. A conversa em roda horizontalizada, em construção do *karrabirdt* aborígene (teia de aranha) que articula atividades, partindo do teórico para o prático. E celebrar cada etapa superada do empreendimento, com comunicação não-violenta e com mais conexão, empatia. Saber escutar os sensores, as pessoas. O empreendimento criativo deve ser durável no propósito e maleável na forma. Nas palavras de Dom Hélder Câmara, “feliz de quem percebe que é preciso mudar sempre para continuar a ser sempre o mesmo”. Entender os sistemas, as organizações caólicas (DEE HOCK, 1999), sobre a variação do caos e da ordem que influenciam os acontecimentos e os resultados.

REFERÊNCIAS

CAILLÉ, Alain. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 5-38, Oct. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300001&lng=en>. Acesso em: 20/12/2016.

CROFT, John. **A capacitação empoderada de recursos:** generosidade radical – o poder da filantropia para mudar o mundo. Artigo. Tradução de Dionízio Bueno. Ficha técnica #22. Metodologia Dragon Dreaming, 2012.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor:** empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 86.

II Simpósio Internacional sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas

“Estado e Políticas Públicas no Contexto de Contrarreformas”.

20, 21 e 22 de junho de 2018

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - UFPI - Teresina - Piauí



HOCK, Dee. **O nascimento da era caórdica**. Editora Cultrix, 1999.

JOHNSON, Steven. **De onde vêm as boas ideias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Construindo uma organização de centro vazio**. Artigo. Tradução de Áureo Gaspar. Ficha técnica #16. Metodologia Dragon Dreaming, 2010.

KARSENTI, B. **Marcel Mauss, Le fait social total**. Paris, PUF, 1994.

LIMA, Deborah Rebello; COSTA, Lilian Lustosa. **Ação cultural em diálogo com o território, com o lugar**. Artigo. Brasília: Programa de capacitação em gestão de projetos e empreendimentos criativos. Etapa 4 – Oficinas de formação de facilitadores. Ministério da Cultura (MinC), 2015.

MARTINS, Paulo Henrique. De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S – Movimento antiutilitarista nas Ciências Sociais: itinerários do dom. **Rev. Bras. Ci. Soc.** São Paulo, v. 1 23, n. 66, fev., 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003, pp. 183-314.

PIFFER, Guilherme (Xaba Om). **Dragon Dreaming: criação colaborativa de projetos**. Projeto. São Paulo: produção independente, 2017.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v.23, n.6, p.131-138, fev..2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092008000100008&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 10/04/2017.

SEM, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TWIST, Lynne. **The Soul of Money: reclaiming the wealth o four inner resources**. New York: W.W. Norton, 2003.

ⁱ Compartilhar no sentido não só de socializar e multiplicar uma mensagem, como se tornou comum nas redes sociais virtuais no Brasil, mas no sentido *pinakarri* (literalmente: “orelhas levantadas”), a tradição de “escuta profunda” dos povos aborígenes da Austrália ocidental.

ⁱⁱ *Ubuntu* (“humanidade para com os outros”) é uma filosofia africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas. Um fundamento tradicional que articula respeito básico pelos outros e indica uma forma de tratar o semelhante como o melhor caminho para a humanidade.